

UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA E AUTOESTIMA

Rachel Shimba Carneiro

Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Professora do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
rachelshimba@unisuamdoc.com.br

Rosana Freire

Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
marcelafreire@icloud.com

RESUMO

A violência psicológica cometida por parceiros íntimos tem sido pouco investigada e as informações são imprecisas. Uma hipótese é que quando a violência psicológica é constante, prejudica a formação da boa autoestima. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo verificar a relação entre esses dois temas: violência psicológica e autoestima. A violência psicológica foi avaliada por meio de cinco perguntas do WHO VAW STUDY, e a autoestima foi verificada pela Escala de Autoestima de Rosenberg. Tais instrumentos foram aplicados em 26 mulheres. Em relação à análise dos dados, foi realizado o teste de correlação de Spearman para verificar a correlação entre a autoestima e a violência psicológica. A partir do coeficiente de correlação de Spearman, foi encontrada associação entre os escores da autoestima e os escores da violência psicológica ($p < 0,001$). Os resultados e discussões apresentados nesse estudo sustentam a associação inversa entre a violência psicológica e a autoestima.

Palavras chaves: Violência Psicológica. Violência. Autoestima.

A STUDY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN PSYCHOLOGICAL VIOLENCE AND SELF-ESTEEM

ABSTRACT

Psychological violence committed by intimate partners have been little investigated and the information is inaccurate. One hypothesis is that when psychological violence is constant, affect the formation of good self-esteem. Thus, this study aims to determine the relationship between these two themes: psychological and self-esteem. Psychological violence was assessed using five questions of the WHO VAW STUDY and self-esteem was verified by the Rosenberg Self-Esteem Scale. These instruments were administered to 26 women. On the analysis of the data was performed using Spearman correlation test to verify the correlation between

self-esteem and psychological violence. From the Spearman correlation coefficient was found association between self-esteem scores and the scores of psychological violence ($p < 0,001$). The results and discussions presented in this study support the inverse association between psychological and self-esteem.

Keywords: Psychological violence. Violence. Self-esteem.

UN ESTUDIO DE LA RELACIÓN ENTRE LA VIOLENCIA PSICOLÓGICA Y AUTOESTIMA

RESUMEN

Violencia psicológica cometida por la pareja han sido poco investigado y la información es inexacta. Una hipótesis es que cuando la violencia psicológica es constante, afecta a la formación de una buena autoestima. Este estudio tiene como objetivo determinar la relación entre estos dos temas: la violencia psicológica y la autoestima. La violencia psicológica se evaluó mediante cinco preguntas de WHO VAW STUDY y la autoestima se verificó por el Rosenberg Escala de Autoestima. Estos instrumentos se aplicaron en 26 mujeres. En el análisis de los datos, se llevó a cabo la prueba de correlación de Spearman para verificar la correlación entre la autoestima y la violencia psicológica. Desde el coeficiente de correlación de Spearman se encontró asociación entre las puntuaciones de autoestima y las puntuaciones de violencia psicológica ($p < 0,001$). Los resultados y discusiones que se presentan en este estudio apoyan la asociación inversa entre la violencia psicológica y la autoestima.

Palabras clave: Violencia psicológica. Violencia. Autoestima.

1 INTRODUÇÃO

A violência na sociedade contemporânea é visível e invade subjetiva e objetivamente a vida de todos, interferindo nos desejos e nas ações dos indivíduos. É um desafio social a ser enfrentado devido à complexidade de tipos existentes e de suas inúmeras manifestações (ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010). De acordo com Del Prette e Del Prette (2007), no Brasil, assim como em outros países, a violência atinge proporções preocupantes.

Violência quer dizer uso de força física, psicológica, ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade, é constranger, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo, sua vontade, sob a pena de viver gravemente ameaçada ou lesionada (TELES; MELO, 2003).

Conforme sintetizam Teles e Melo (2003), é um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano. Nesta perspectiva, a maior parte dos estudiosos concorda em conceituar a violência como um comportamento intencional de produzir dano em outra pessoa (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2007). A Organização Mundial da Saúde (OMS) utiliza a seguinte definição de violência:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (KRUG *et al.*, 2002, p. 5).

Considerando que a violência é concebida como toda relação em que há abuso de poder, na perspectiva de gênero, a violência é entendida como o resultado das relações de poder entre homem e mulher, em que o masculino é quem determina qual é o papel do feminino (WATTS; ZIMMERMAN, 2002). Nas últimas décadas tem ocorrido um aumento importante dos estudos sobre a violência contra a mulher perpetrada por seus parceiros íntimos. Isso tem acontecido por conta do reconhecimento da dimensão do fenômeno como um grave problema de saúde pública, por sua alta incidência e pelas consequências que causa à saúde física e psicológica das vítimas (SÁ, 2011). De acordo com Bravo Martínéz (1994), a violência contra as mulheres não é mais uma questão privada, mas objeto de preocupação social.

Dentro deste contexto, é importante levar em consideração as diferentes formas de violência que são classificadas pela OMS:

- (1) Violência física que ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano, por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumento que pode causar lesões internas (hemorragias, fraturas) ou externas (cortes, hematomas, feridas);
- (2) Violência sexual é toda a ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais contra a vontade, por meio da força física, da influência psicológica (intimidação, aliciamento, sedução), ou do uso de armas ou drogas;
- (3) Negligenciada é a omissão de responsabilidade, de um ou mais membros da família, em relação a outro, sobretudo, com aqueles que precisam de ajuda por questões de idade ou alguma condição específica, permanente

ou temporária e (4) Violência psicológica refere-se a agressões verbais ou gestuais com o objetivo de aterrorizar, rejeitar, humilhar a pessoa, restringir sua liberdade, ou ainda isolá-la do convívio social. (KRUG, 2002, p. 45).

Sá (2011) sustenta que a violência psicológica é qualquer conduta moral ou verbal que possa produzir na vítima intimidação, desvalorização, sentimentos de culpa ou sofrimento e é considerado o tipo de violência mais difícil de ser identificado do ponto de vista social, por não deixar marcas aparentes. A partir dessas considerações, Azevedo e Guerra (2001) fazem uma diferenciação entre a violência doméstica física e a violência doméstica psicológica. Segundo os autores, a primeira envolve atos de agressão corporal à vítima, enquanto a segunda forma de agressão decorre de palavras, gestos, olhares, sem necessariamente ocorrer o contato físico. É importante pontuar que o processo de violência psicológica doméstica é um fator crescente e contínuo, tendo como condutas abusivas atitudes como:

[...] caçoar da mulher; insultá-la; negar seu universo afetivo; jamais aprovar as realizações da mulher; gritar com ela; insultá-la repetidamente (em particular); culpá-la por todos os problemas da família; chamá-la de louca, puta, estúpida etc; ameaçá-la com violência; criticá-la como mãe, amante e profissional; exige toda atenção da mulher, competindo zelosamente com os filhos; critica-a reiteradamente (em público); conta-lhe suas aventuras com outras mulheres; ameaça-a com violência a ser dirigida aos filhos; diz que fica com a mulher apenas porque ela não pode viver sem ele; cria um ambiente de medo; faz com que a mulher fique desesperada, sofra depressão e/ou apresente outros sintomas de enfermidade mental; suicídio. (BERLY, 1982 *apud* ASSIS; CONSTANTINO; AVANCI, 2010, p. 7).

De acordo com Maldonado (1997), quando a violência psicológica é constante, prejudica a formação da boa autoestima e consolida a rejeição, desvalorizando a si próprio, e a tendência é de submeter-se a situações de abuso em outros relacionamentos. A autoestima pode ser definida como o sentimento, o apreço e a consideração que uma pessoa sente por si própria, ou seja, o quanto ela gosta de si, como ela se vê e o que pensa sobre ela mesma (DINI; QUARESMA; FERREIRA, 2004). Em uma revisão feita por Freire e Tavares (2011), foi verificado que a autoestima é definida como a avaliação afetiva do valor ou importância que cada um faz de si próprio.

Diante de todas as considerações feitas até o presente momento, a atual pesquisa pretende verificar a relação entre esses dois temas: violência psicológica e autoestima.

2 METODOLOGIA

Esta seção aborda a metodologia da pesquisa.

2.1 Participantes

A amostra compreendeu 13 pessoas do sexo feminino que frequentam locais que prestam assistência às mulheres que sofrem violência doméstica (Grupo 1) e 13 mulheres que não frequentam tais lugares (Grupo 2).

2.2 Material

Para a realização do estudo, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que tem como objetivo fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa e sobre a avaliação dos participantes. Além disso, foi informado neste documento o compromisso dos pesquisadores quanto ao sigilo sobre os nomes dos participantes.

Em relação aos instrumentos de pesquisa, a violência psicológica foi avaliada a partir de cinco perguntas do WHO VAW STUDY (SCHRAIBER *et al.*, 2010), que foram construídas para estimar a violência psicológica contra a mulher. A seguir, será feita uma descrição das cinco perguntas do WHO VAW STUDY (SCHRAIBER *et al.*, 2010): A primeira pergunta refere-se ao estado civil da pessoa que participou do estudo: (1) Atualmente Casada; (2) Vivendo com um Homem/Amigada; (3) Tem um Parceiro (mantendo relação sexual), mas não vive junto e, por fim, (4) Não está casada ou vivendo com um homem (sem relacionamento sexual). Nas questões seguintes, o instrumento avalia se o atual marido/companheiro, ou qualquer outro companheiro, alguma vez, tratou a mulher das seguintes formas: (2) Insultou-a ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesma?; (3) Depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas?; (4) Fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito (por exemplo: a forma como ele a olha, como ele grita, como ele quebra coisas?); (5) Ameaçou machucá-la ou alguém de quem você gosta? Para cada uma dessas quatro questões, se a participante respondesse que sim, teria que preencher mais três itens dentro de cada pergunta: (A) Isto aconteceu

nestes últimos 12 meses de sua vida?; (B) Nos últimos 12 meses você diria que isso aconteceu: (1) Uma; (2) Poucas; (3) Muitas vezes; (C) Antes dos últimos 12 meses você diria que isso aconteceu: (1) Uma; (2) Poucas; (3) Muitas vezes.

Já a autoestima foi verificada pela Adaptação e Validação da Versão Brasileira da Escala de Autoestima de Rosenberg (DINI; QUARESMA; FERREIRA, 2004), que compreende 10 itens com objetivo de avaliar a autoestima. O escore obtido com a Escala pode variar de 10 a 40, sendo calculado somando-se as pontuações obtidas por meio das respostas dadas às 10 frases. Cada frase pode receber uma pontuação de no mínimo 1 e no máximo 4 (MAÇOLA; VALE; CARMONA, 2010). Maçola, Vale e Carmona (2010) citam estudos mostrando que uma autoestima satisfatória é definida com o escore maior ou igual a 30 na Escala de Rosenberg e insatisfatória com o escore menor que 30.

2.3 Procedimento

Após a aprovação do presente estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNISUAM (nº 647.288; CAAE: 30403714.0.0000.5235), foram selecionadas 13 pessoas que frequentam Centros de Assistência às Mulheres que sofrem violência doméstica e 13 mulheres que não frequentam tais centros e que concordassem em participar da pesquisa, firmando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, segundo a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A partir desta seleção aleatória, os instrumentos foram aplicados na seguinte ordem: as cinco perguntas do WHO VAW STUDY (SCHRAIBER *et al.*, 2010) e a Escala de Autoestima de Rosenberg (DINI; QUARESMA; FERREIRA, 2004).

2.4 Análise dos dados

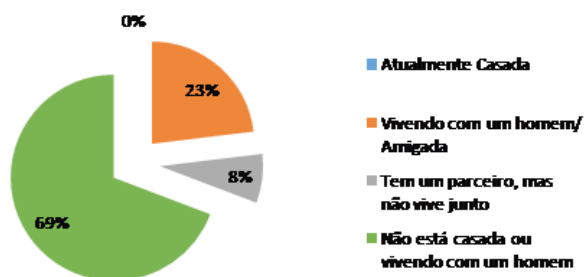
Em relação à análise de dados, foi criado um banco de dados no programa SPSS com as informações obtidas no WHO VAW STUDY (SCHRAIBER *et al.*, 2010) e na Escala de Autoestima de Rosenberg (DINI; QUARESMA; FERREIRA, 2004) para a realização de um estudo descritivo. Além disso, os dados obtidos foram submetidos ao Teste de Correlação de Spearman, para avaliar a correlação entre os temas: autoestima e violência psicológica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiro, serão descritos os resultados obtidos no Grupo 1, que se refere às participantes que frequentam Centros de Assistência às Mulheres. A partir da análise dos dados coletados na questão 1 do WHO VAW STUDY (SCHRAIBER *et al.*, 2010), pode-se verificar que das 13 participantes que frequentam lugares que prestam apoio às mulheres vítimas de violência doméstica: nenhuma dessas mulheres é casada; 3 (23%) responderam que vivem com um homem; uma (8%) respondeu que tem um parceiro, mas não vive junto e 9 (69%) afirmaram que não estão casadas ou vivendo com um homem. Para ilustrar os dados obtidos nesta questão, foi elaborada a figura 1.

Figura 1: Estado civil das respondentes do grupo 1

Atualmente você está casada ou tem um companheiro do sexo masculino?

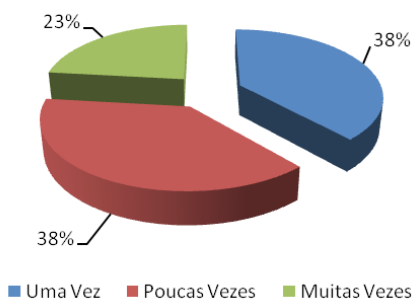


Fonte: Os autores.

Na pergunta 2, foi constatado que 100% das participantes sofreram insultos ou se sentiram mal a respeito de si mesmas por causa do marido, ou qualquer outro companheiro. As 13 mulheres revelaram que isso aconteceu nos últimos 12 meses de suas vidas. Quando questionadas sobre a frequência de tais situações, 5 (38%) participantes disseram que isso aconteceu uma vez, 5 (38%) afirmaram que foram poucas vezes e 3 (23%) avaliaram como muitas vezes. Quando perguntadas se isso aconteceu antes dos últimos 12 meses: 5 (38%) delas disseram que uma vez; 2 (15%) avaliaram como poucas vezes e 6 (46%) afirmaram que muitas vezes. Tais dados podem ser observados nas Figuras 1 e 2.

Figura 2: Respostas das participantes em relação aos insultos recebidos pelo companheiro nos últimos 12 meses.

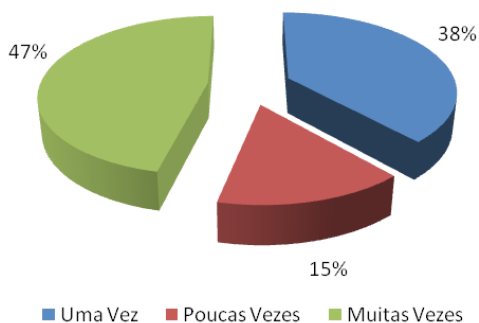
Insultou-a ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesma nestes últimos 12 meses de sua vida:



Fonte: Os autores (2015).

Figura 3: Respostas das participantes em relação aos insultos recebidos pelo companheiro antes dos últimos 12 meses

Insultou-a ou fez com que você se sentisse mal a respeito de si mesma antes dos últimos 12 meses:



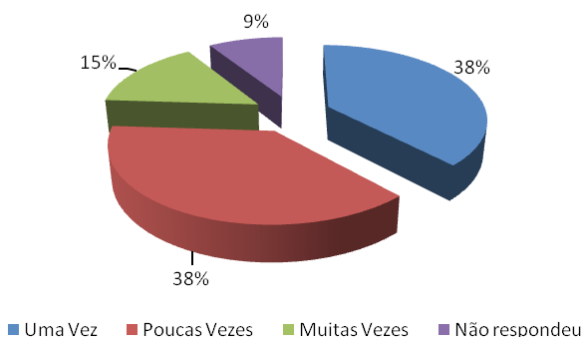
Fonte: Os autores.

Em relação à questão 3, 12 (92%) das 13 participantes responderam que o marido/companheiro depreciou ou a humilhou diante de outras pessoas e apenas uma delas respondeu que isso aconteceu, mas não foi nos últimos 12 meses. Dentro desta questão, 5 (38%) das 13 participantes disseram que isso aconteceu uma vez, 5 (38%) afirmaram que aconteceram poucas vezes e 2 (15%) avaliaram como muitas vezes em relação aos últimos 12 meses, sendo que uma participante não respondeu esse item. Quando

perguntadas se isso aconteceu antes dos últimos 12 meses, 7 (54%) disseram que uma vez, 4 (31%) afirmaram que poucas vezes e duas mulheres (15%) responderam que muitas vezes. Como uma forma de ilustrar os dados, foram construídas as Figuras 4 e 5.

Figura 4: Respostas das participantes em relação às humilhações recebidas pelo companheiro nos últimos 12 meses

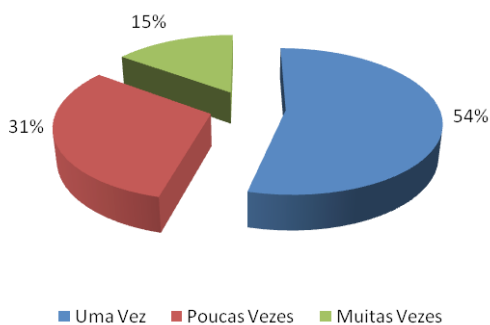
Depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas nos últimos 12 meses



Fonte: Os autores.

Figura 5: Respostas das participantes em relação às humilhações recebidas pelo companheiro antes dos últimos 12 meses

Depreciou ou humilhou você diante de outras pessoas antes dos últimos 12 meses



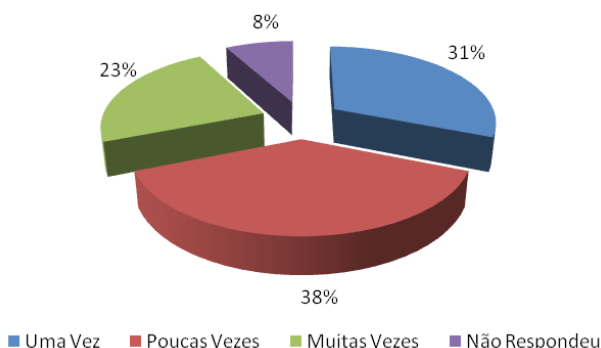
Fonte: Os autores.

Quando perguntadas se o marido/companheiro fez coisas para assustá-las ou intimidá-las de propósito (por exemplo: a forma como ele a olha, como ele grita, como ele quebra coisas), todas disseram que sim e 12 (92%) das 13 participantes afirmaram que isso aconteceu nos últimos

12 meses. Em relação à intensidade que isso aconteceu nos últimos 12 meses, 4 (31%) responderam uma vez, 5 (38%) afirmaram que foram poucas vezes e 3 (23%) avaliaram como muitas vezes, sendo que uma participante não respondeu. Já quando questionadas sobre antes dos últimos 12 meses, 6 (47%) responderam que tal fato aconteceu uma vez, 5 (38%) mulheres afirmaram que aconteceram poucas vezes e 2 (15%) consideraram que foram muitas vezes, conforme pode ser visualizado nas figuras a seguir.

Figura 6: Respostas das participantes em relação ao companheiro ter feito coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito nos últimos 12 meses

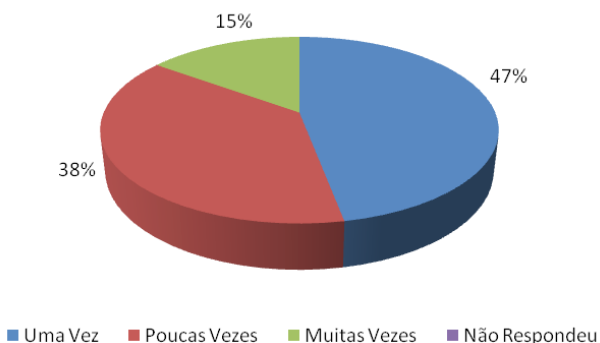
Fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito nos últimos 12 meses?



Fonte: Os autores.

Figura 7: Respostas das participantes em relação ao companheiro ter feito coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito antes dos últimos 12 meses

Fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito antes dos últimos 12 meses?

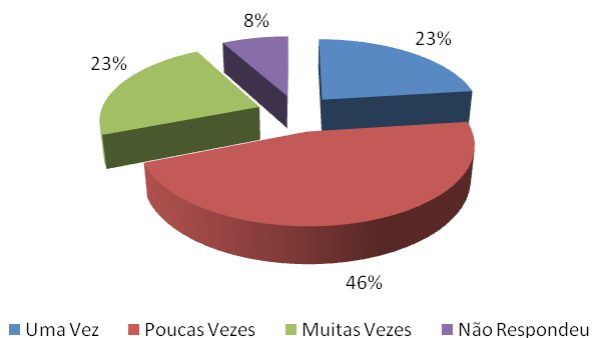


Fonte: Os autores.

Com relação à pergunta que investiga se o marido/companheiro ameaçou machucá-la ou machucar alguém de quem a participante gosta, todas disseram que isso já aconteceu. Entretanto, uma das mulheres disse que isso não aconteceu nos últimos 12 meses de sua vida. Nos últimos 12 meses, 3 (23%) disseram que isso aconteceu uma vez, 6 (46%) avaliaram como poucas vezes, 3 (23%) mulheres apontaram que foram muitas vezes que tal fato aconteceu e uma não respondeu. Quando perguntadas se isso aconteceu antes dos últimos 12 meses, 5 (38%) delas afirmaram que essa situação aconteceu apenas uma vez, 6 (46%) mulheres julgaram como poucas vezes e 2 (15%) como muitas vezes. A seguir, serão mostrados os dados da pergunta 5 nas Figuras 8 e 9.

Figura 8: Respostas das participantes em relação ao companheiro ter ameaçado machucá-la nos últimos 12 meses

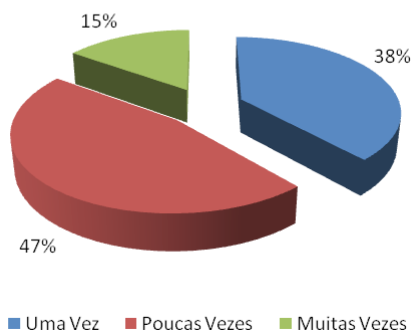
Ameaçou machucá-la ou alguém de quem você gosta nos últimos 12 meses



Fonte: Os autores.

Figura 9: Respostas das participantes em relação ao companheiro ter ameaçado machucá-la antes dos últimos 12 meses

Ameaçou machucá-la ou alguém de quem você gosta antes dos últimos 12 meses



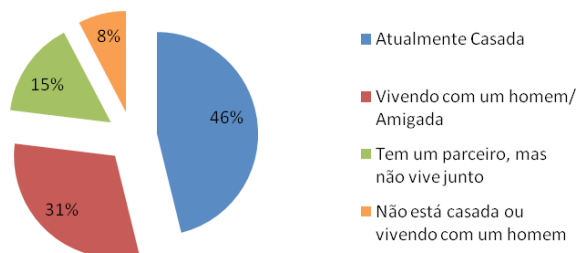
Fonte: Os autores.

Em relação à autoestima, que foi avaliada a partir da Escala de Autoestima de Rosenberg, foi verificado que todas as mulheres apresentaram escores menores do que 30. Isso indica autoestima insatisfatória para as 13 mulheres deste grupo.

Além dessas 13 participantes que frequentam centros de apoio a mulheres que sofrem violência doméstica, foram escolhidas de forma aleatória mais 13 mulheres que não frequentam tais centros de apoio. Neste segundo grupo, foi constatado que das 13 mulheres, 6 (46%) são casadas; 4 (31%) vivem com um homem; 2 (15%) têm um parceiro, mas não vivem junto e uma (8%) não está casada ou vivendo com um homem. Tais dados podem ser verificados na Figura 10.

Figura 10: Estado civil das respondentes do grupo 2

Atualmente você está casada ou tem um companheiro do sexo masculino?



Fonte: Os autores.

Em relação às outras quatro perguntas do WHO VAW STUDY (2010), pode-se constatar que das 13 mulheres que foram selecionadas de forma aleatória, todas marcaram as respostas não. Isso significa que o atual marido/companheiro, ou qualquer outro companheiro: (2) Não a insultou ou fez com que a participante se sentisse mal a respeito de si mesma; (3) Não depreciou ou humilhou a participante diante de outras pessoas; (4) Não fez coisas para assustá-la ou intimidá-la de propósito e (5) Não ameaçou machucá-la ou machucar alguém de quem a participante gosta. Tal fato demonstra que nenhuma das participantes do segundo grupo sofreu ou sofre violência doméstica. Além disso, neste segundo grupo de mulheres apenas uma pessoa apresentou a autoestima insatisfatória (escore menor que 30).

Por fim, foi realizado o teste de correlação de Spearman para verificar a relação entre os temas: autoestima e violência psicológica. A partir do coeficiente de correlação de Spearman, foi encontrada associação entre os escores da autoestima e os escores da violência psicológica ($p < 0,001$).

Os resultados e discussões apresentados nesse estudo sustentam a associação entre violência psicológica e autoestima. Entretanto, é importante chamar atenção para o tamanho da amostra, que não permite fazer generalizações precipitadas. Algumas propostas sugeridas para futuras pesquisas são: o aumento do número de sujeitos da amostra e a avaliação do impacto da violência psicológica na redução da autoestima.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou contribuir na discussão sobre a autoestima de mulheres vítimas da violência psicológica e mulheres que não sofrem essa violência. Aprofundar o conhecimento sobre este assunto parece relevante, principalmente neste tipo de violência que não deixa marcas aparentes, é silenciosa e por isso mais difícil de ser identificada do ponto de vista social.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Violência psicológica doméstica: vozes da juventude**. São Paulo: Laboratório de Estudos da Criança/PSA/IPUSP, 2001.

BRAVO MARTINÉZ, M. **Incesto y violación: características, implicaciones y líneas terapéuticas del abuso sexual.** Santiago de Chile: Ediciones Academia, 1994.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. (Org.). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção.** São Paulo: Alínea, 2007.

DINI, G. M.; QUARESMA, M. R.; FERREIRA, L. M. Translation into portuguese, cultural adaptation and validation of the Rosenberg Self-Esteem Scale. **Revista da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 41-54, 2004.

FREIRE, T.; TAVARES, D. Influência da autoestima, da regulação emocional e do gênero no bem-estar subjetivo e psicológico de adolescentes. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 38, n. 5, p. 184-188, 2011.

KRUG, E. *et al.* **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Geneva: OMS, 2002.

MALDONADO, M. T. **Os construtores da paz: caminhos da proteção da violência.** 3 ed. São Paulo: Moderna, 1997.

MAÇOLA, L.; VALE, I. N.; CARMONA, E. V. Avaliação da autoestima de gestantes com uso da Escala de Autoestima de Rosenberg. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 570-577, 2010.

SÁ, S. D. **Características sociodemográficas e de personalidade de mulheres vítimas de violência doméstica.** 2011. 93 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SCHRAIBER, L. B. *et al.* Prevalência da violência contra a mulher por parceiros íntimos em regiões do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41 n. 5, p. 797-807, 2007.

TELES, M. A. A; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

WATTS, C.; ZIMMERMAN, C. Violence against woman Global Scop and magnitude. **Lancet**, London, v. 359, n. 9313, p. 1232-1237, 2002.

Recebido em: 4 nov. 2014.

Aprovado em: 20 dez. 2014.